

IDENTIDADE E TRANSGRESSÃO NO ROMANCE *EM LIBERDADE* DE SILVIANO SANTIAGO

Antonia Marly MOURA DA SILVA
(Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)

RESUMO: Este trabalho pretende analisar a construção da identidade do sujeito no romance *Em liberdade* (1981) de Silviano Santiago, destacando os modos de figuração do outro, seja na questão tensa dos gêneros na ficção contemporânea, seja na relação *mimese* e realidade ou no caráter ambíguo dos papéis exercidos pelo autor e narrador. Em nome de uma poética descentrada e plural, num processo de devoração antropofágica, Santiago apropria-se da obra e do estilo do autor de *Memórias do Cárcere* numa atitude diferenciada e recriadora. O romance *Em liberdade* fornece as bases para questionamentos sobre a instância autoral e o liame entre ficção e realidade, biografia e autobiografia, bem como literatura e história. No enfoque do “eu” e no seu desdobramento, o escritor tece, metaforicamente, o processo construtivo do discurso autobiográfico, através de um ato narrativo plural em que é praticamente inviável tentar localizar o conteúdo simbólico contido nessa identificação híbrida.

PALAVRAS-CHAVE: Silviano Santiago; *Em liberdade*; Graciliano Ramos; Identidade.

ABSTRACT: This work aims to analyze the creation of the identity of the self in the novel *Em Liberdade* (1981) by Silviano Santiago, focusing on the way the other is presented, either on the tense question concerning the gender on the contemporary fiction, or in relation to *mimesis* and reality, and also on the ambiguity created by the roles author and narrator have on a literary work. Through a decentralized and plural poetic, using an anthropophagic devour process, Santiago uses both work and style from the author of *Memórias do Cárcere* on a differential and renew attitude. The novel *Em liberdade* gives the bases to questioning the authorial position and the gap between fiction and reality, biography and autobiography, also literature and history. On the focusing on the “self” and its implication,

the author weaves, metaphorically, the process of the biographic discourse, through a plural narrative act, in which is practically inevitable to locate the symbolic content enclosed on this hybrid identification.

KEY WORDS: Silviano Santiago; *Em liberdade*; Graciliano Ramos; Identity.

1 INTRODUÇÃO

A leitura do romance *Em liberdade* (1981) de Silviano Santiago instiga uma reflexão acerca da problemática da identidade, dos modos de representação da realidade, do gênero e outras questões de natureza teórica. Uma reflexão que requer o resgate de um conjunto de conceitos que não cabem retomá-los aqui. A descrição aqui posta privilegia o estatuto da ficcionalidade e da autoria, focando o universo da máscara e do simulacro no romance de “Santiago”¹.

O enfoque temático da obra é um exemplo significativo de uma escritura plural, marcada pela essência da hibridização, o que motiva a busca de um entendimento sobre a problemática da identidade no discurso literário. É com esse propósito, o de demonstrar que a obra de “Silviano Santiago” representa uma inovação para os estudos sobre personagens ficcionais, que assumimos o desafio de demonstrar que o referido romance redireciona a subjetividade expressa na proposição autor/ narrador/personagem.

Trata-se de um livro de memórias em que o autor reinventa e reelabora a prosa de “Graciliano Ramos”. Graciliano, o pseudo-narrador, inventado por “Silviano Santiago”, testemunha e fala de si como se fosse o verdadeiro “Graciliano Ramos”, escritor, recompondo com isso, após a saída do cárcere, sua vida conturbada, seus amigos – pessoas que existiram na realidade histórica –

¹ Com o intuito de identificar as figuras referidas em nosso texto, registraremos com aspas os nomes de Silviano Santiago, autor, e de Graciliano Ramos, escritor. Por outro lado, os seres ficcionais - o narrador-personagem Graciliano e/ou Silviano – serão representados sem qualquer marca tipográfica.

a vida familiar e amorosa, políticos, intelectuais, em suma, conflitos pessoais e relações que o verdadeiro “Graciliano” de fato viveu e deixou documentado. As memórias são relatadas num diário em que Graciliano, no papel de narrador, expressa suas preocupações em torno do desejo de se estabelecer na vida, bem como a angústia, a vergonha e o medo que sente diante da situação em que se encontra. Desempregado, sem perspectiva, sem um projeto existencial e literário, hóspede por um tempo de José Lins do Rego e, posteriormente, de uma pensão no Catete, escreve um diário durante dois meses e treze dias².

Nessa autobiografia ficcional, como aponta o título do livro, estão entrelaçados os discursos de Silviano e de Graciliano. O estatuto ficcional é um detalhe importante no trato com o texto, tanto que o autor enfatiza-o ao registrá-lo na capa do seu livro: *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*.

Considerando esse universo ficcional, o objetivo deste estudo é levantar proposições para uma reflexão sobre o discurso de *Em liberdade*. Pretendemos levantar uma hipótese interpretativa acerca da relação complexa entre ficção, autobiografia e história, entre sujeito e discurso, entre o autor e o objeto da escritura no texto de “Santiago”. Nesse sentido, optamos pela análise do romance, tendo como base a noção de que a escritura de “Santiago” lida com a permanência e a transformação dos códigos de “Graciliano”.

Na leitura pretendida, acatamos o conceito de paródia elaborado por Linda Hutcheon: o princípio de que “a paródia é repetição, mas repetição que inclui diferença” - a noção de “transcontextualização” (1985, p. 54), algo diferente de apropriação textual, como faz crer a autora:

quando falo de “paródia”, não estou me referindo à imitação ridicularizadora das teorias e das definições padronizadas que se originam das teorias de humor do século XVIII. A importância coletiva da prática paródica sugere uma redefinição da paródia como

² De acordo com a afirmação de Silviano Santiago em “Notas do editor”.

uma repetição com distância crítica que permite a identificação irônica da diferença no próprio âmago da semelhança. Na metaficção historiográfica, no cinema, na pintura, na música e na arquitetura, essa paródia realiza paradoxalmente tanto a mudança como a continuidade cultural: o prefixo grego para- pode tanto significar “contra” como “perto” ou “ao lado”. (HUTCHEON, 1991, p. 47)

Defendemos a hipótese de que a escritura de *Em liberdade* se constitui como paródia, tendo como pressuposto o fato de que o entrecruzamento de discursos nos obriga a considerar o ato enunciativo que medeia a produção e a recepção do texto: um desafio contemporâneo que envolve a noção de sujeito como fonte de sentido e a noção de referencialidade. De acordo com Hutcheon, a paródia moderna aponta a necessidade de ir além do ato enunciativo que envolve o universo do autor e do texto, implica em outro fator de conexão “mundana”. “O fato de se apropriar do passado, da História, o questionar do contemporâneo, “referenciando-o” com um conjunto de códigos diferentes. É uma forma de estabelecer continuidade que pode, em si mesma, ter implicações ideológicas”. (HUTCHEON, 1985, p. 139)

2 A DESESCRITURA DO TEXTO: O TEXTO QUE DIZ E (DES) DIZ

Em liberdade apresenta-se como uma escrita de estatuto original: ficção, estudo histórico e biográfico, além de crítica literária. Num processo de devoração antropofágica, Santiago apropria-se da obra e da forma de *Memórias do Cárcere* num fazer poético original e recriador. Empregando o recurso do simulacro, libera o texto da paternidade do autor e estabelece um código para que o ato autobiográfico se efetive. Nesse sentido, na tentativa de imitação exata, paródia estilisticamente a escritura de Graciliano e constrói sua narrativa a partir do trabalho intencional de desconstituição do sujeito: o narrador desfaz a ilusão entre falso e verdadeiro, sujeito e discurso.

O pseudo-narrador, mascarado pelo fingimento, resgata um conteúdo existente de fato e cria, a partir dessa matéria, uma atmosfera de verdade, ilustrando o modo de configuração da saída da prisão do escritor “Graciliano Ramos”.

Antonio Dimas (1981, p. 5) em seu artigo, “Revendo Graciliano, com imaginação e arte” assinala que:

Em liberdade, engrossa o filão atual do memorialismo brasileiro e o caldo da discussão sobre gêneros narrativos. Equipado com vasta pesquisa sobre o cotidiano dos anos 30, mas que não transparece senão nas filigranas, Silviano Santiago reinventa um Graciliano recém-saído das prisões do Estado Novo. No entanto, essa reinvenção nada tem de gratuito, de arbitrário, de fantasioso. Trata-se de um mergulho fundo na personalidade do escritor alagoano, cuja equívoca proverbial se desmonta, sem se escancarar, todavia. Usando e abusando da liberdade criadora, Silviano Santiago nos devolve um escritor arredo, tido como seco e refratário ao calor humano, mas extraordinariamente atento e lúcido.

O mergulho na personalidade do escritor, mencionado por Dimas, nos faz lembrar o mergulho que o personagem Graciliano trata ao elaborar o perfil de Cláudio Manoel da Costa, o que mostraremos no desenrolar deste trabalho.

Em Liberdade é um simulacro de *Memórias do cárcere* na medida em que busca o resgate de um momento. É a ficção da verdade contida nas memórias de “Graciliano Ramos”, ao mesmo tempo em que mantém um compromisso de aliança entre a literatura colonial, os anos 30 e os anos 80. O texto cria um simulacro referencial uma vez que o leitor incorpora o texto de “Graciliano Ramos” ao universo de *Em liberdade*, funciona como uma estratégia do discurso narrativo que permite ao leitor considerar criticamente o outro.

“Silviano” reinventa a escritura de “Graciliano” e cria um tipo de liberdade ilusória que surge em vários sentidos: a começar pelo seu título. É possível pensar, por um lado, a liberdade da personagem após a saída do cárcere e, por outro lado, o escritor

“Santiago” que se apresenta livre para escrever o livro de outro. Entretanto, por tratar-se de uma atitude ilusória, o “estar livre” manifesta sua ambigüidade no próprio ato da escrita - Silviano usa a linguagem de outro, o que lhe permite a liberdade de expressão sobre certos assuntos, por exemplo a crítica severa de Graciliano sobre o romancista José Lins do Rego, amigo do escritor alagoano que o recolheu em casa logo após a saída da cadeia. Através do discurso de “Graciliano”, “Silviano” tece comentários críticos que, possivelmente, na qualidade de autor não faria.

Em conversa com Rubem Braga (que se fazia acompanhar da sua mulher, Zora), chamou-me ele a atenção para o processo de poetização da miséria - a expressão é dele - que se encontra em Mar morto, do Jorge [Amado]. Livro que, segundo Rubem, é meloso e reacionário e que de modo algum devia ter recebido o prêmio da Fundação Graça Aranha (o meu ficou em segundo). (SANTIAGO, 1985, p. 87) [grifo nosso]

Nesse fragmento de texto, o escritor, citando Rubem Braga, tem a liberdade de criticar impiedosamente e sem complacência o livro do amigo Jorge Amado. O parecer negativo é formulado diante de Zora, a esposa de Rubem Braga, testemunha ocular do fato relatado.

Convém salientar que o diário íntimo permite essa liberdade de expressão: quem o escreve o considera propriedade particular e pessoal, portanto não conta com a intervenção de um leitor bisbilhoteiro. O caráter “íntimo” do diário - um tipo de escrita espontânea e descuidada, um livro que não é destinado a um público - pressupõe a revelação de idéias e de segredos, além de apresentar um “eu” individualizado; é um texto que se constrói sem qualquer destino e que dispensa a intromissão alheia.

O ato de escrever um diário, por si só, pode ser um ato de liberdade, pode funcionar como meio de libertar-se das pressões do dia-a-dia. Para um escritor, não há repressão maior do que a falta de liberdade de expressão.

Entretanto, ao imitar o estilo de outro ele passa à condição de um escritor preso, preso ao estilo de Graciliano Ramos. E, para liberar sua escritura, são necessárias a magia, a carnavalização e a antropofagia. A paródia funciona como um tipo de antropofagia, a devoração do texto de outro. Pode-se dizer que o autor de *Em liberdade* cria metaforicamente a idéia de denúncia da falta de liberdade que o artista pós-moderno está sentindo, uma denúncia que ele coloca na boca do narrador-personagem. “Para se libertar, é preciso jogar fora as muletas. Libertar-se para mim é poder caminhar sozinho. Sozinho é que me revolto contra a injustiça humana”. (SANTIAGO, 1985, p. 107)

Na construção da escritura, “Silviano” tenta sair da estória, no texto e no discurso, ele parece querer estabelecer um compromisso com a escritura e com a sociedade a partir da ficção. No sumário, o diário apresenta-se dividido em duas partes, na primeira lê-se: “Em liberdade - *ficção* de Silviano Santiago” [grifo nosso], na segunda parte por sua vez, aparece “Em liberdade” *diário* de Graciliano Ramos “[grifo nosso]. Em suma, trata-se de um livro composto de duas categorias - o diário e a ficção, o que o narrador menciona logo no início da escritura:

Abandonar a ficção e adentrar-me pelo diário íntimo, deixando que o livro não seja construído pelo argumento ou pela psicologia dos personagens, mas pelos próprios caminhos imprevisíveis de uma vida vivida. Na ficção, o livro é organizado pelo romancista. No diário, toda e qualquer organização pode ser delegada ao leitor. Ele que se vire se quiser fazer sentido com as frases ou com o enredo. (SANTIAGO, 1985, p. 28)

A preocupação com o estatuto ficcional da obra ocupa lugar privilegiado no decorrer da narrativa, porém o narrador tenta mascarar a natureza do texto ao optar por escrever um diário, escrita que se caracteriza por sua linguagem espontânea e descuidada. Afirma o narrador: “Esforço-me para não fazer ficção a partir dos acontecimentos que narro neste diário”. (SANTIAGO, 1985, p. 97)

“Silviano” projeta um livro fictício, porém, em sua estruturação, segue as regras canônicas de edição ao expor uma epígrafe de abertura e, sobretudo, ao estampar um esclarecimento ao leitor sobre a natureza dos manuscritos de Graciliano e sobre as medidas tomadas pelo editor no ato de organização da obra. Nas primeiras páginas do livro, o autor de *Em liberdade* procura estabelecer um clima de verdade que confunde seu leitor. Declara “Silviano”: “o romancista estava em liberdade. Era o dia 13 de janeiro de 1937”. (1985, p. 11) O tempo verbal empregado - *estava e era* - instaura o ato de narrar por excelência e resgata o estilo das narrativas tradicionais. A seguir o autor acrescenta: “Graciliano escreveu este Diário durante 2 meses e 13 dias” (1985, p. 12). Para enfatizar a verdade da afirmativa, “Silviano” dá voz à Clara Ramos, filha de Graciliano, como forma de convencer o leitor da veracidade do livro. Afirmar Clara Ramos:

É provável que Graciliano Ramos, um tipo psicológico racional introvertido, na fase imediatamente posterior a sua libertação, ainda diante das misérias inimagináveis do cárcere, esteja comprovando a falência da sua função pensante, o colapso da razão. E nesse momento necessita superar a tragédia do raciocínio lógico através da fantasia. (SANTIAGO, 1985, p. 12)

O caráter ficcional da obra fica claro se atentarmos para as palavras que compõem esse depoimento: “misérias *inimagináveis* do cárcere” e “superar a tragédia do raciocínio lógico através da *fantasia*” [grifo nosso]. Se considerarmos que a vida no cárcere é *inimaginável*, como quer mostrar Clara Ramos, podemos deduzir que, para registrá-las é necessário *a priori* vivê-las, só assim é possível um retrato fiel da realidade. Entretanto, no depoimento da filha de “Graciliano”, a fantasia é apresentada como recurso estilístico imprescindível para a elaboração de um diário íntimo, elemento que embasa a construção de *Em liberdade*, obra ficcional construída como memória.

“Santiago” declara, em *Nota do editor* que abre o romance, o fato de que em 1946 “Graciliano” entregara seu diário a um

amigo com um pedido de só publicá-lo após vinte e cinco anos de sua morte. Porém, em 1952, seis anos depois, o escritor escreve ao amigo pedindo-lhe para queimar os manuscritos, sem dar-lhe nenhuma justificativa. O amigo referido, entretanto, não destrói o diário e mente para o autor ao dizer-lhe posteriormente que já havia destruído os originais que mantinha em seu poder. Em 1960, “Silviano” conhece o amigo de Graciliano e toma conhecimento da existência das páginas deixadas pelo escritor. Somente em 1965, ele tem acesso aos originais, conservando-os em segredo até completar o prazo de 25 anos exigidos pelo romancista, quando resolve publicá-lo. Assim o autor de *Em liberdade* encerra as primeiras páginas do seu livro, que ele intitula *Nota do editor*: “Apenas uma coisa pedi-me o legítimo dono dos originais: que seu nome não fosse revelado. Tinha medo do julgamento da História quanto ao seu ato. Acatei o pedido. Portanto, toda a responsabilidade desta publicação recai sobre este que assina” (SANTIAGO, 1985, p. 13).

Ao referir-se ao anonimato do amigo e ao “julgamento da História”, Silviano coloca como estratégia do discurso o supostamente autêntico e o propositadamente falso, sua atitude mostra que o leitor deve assumir uma posição em relação ao discurso, considerá-lo verdadeiro ou fictício, tomar o texto ao pé da letra ou interpretá-lo a partir das marcas da enunciação.

Curiosa é a explicação do editor nas considerações de caráter geral apresentadas nas páginas iniciais intituladas *Sobre esta edição*; verifica-se a presença do outro, do autor/editor que tenta esconder-se do leitor. Pela natureza técnica das considerações é possível perceber a presença do autor que ora vela ora revela suas intenções em relação à obra:

1. As raras alusões, neste Diário, à experiência que teve na cadeia indicam que Graciliano não tinha a intenção de cobrir aquele período da sua vida. Isso leva-nos a crer que ele tinha certeza de que, um dia, ainda escreveria as *Memórias do Cárcere*. Em liberdade, portanto, não tem a pretensão de ser uma primeira versão das memórias. (SANTIAGO, 1985, p. 16)

Convém assinalar que as *Memórias do cárcere* não foram terminadas. O livro é publicado como obra póstuma. De acordo com Ricardo Ramos, seu pai deixou de produzir o último capítulo, morrendo antes de fazê-lo. Dessa maneira, o autor/editor sugere, indiretamente, que *Em liberdade* pode ser este capítulo. O Diário possivelmente preencheria a lacuna deixada pelo escritor.

2. Podemos e devemos levantar uma hipótese. Por já ter escrito este Diário – seqüência natural da experiência na cadeia –, Graciliano não conseguiu redigir o capítulo final das *Memórias do cárcere*. Seus familiares, desconhecendo *Em liberdade*, exigiam o capítulo e o romancista, adiando a sua execução, apenas respondia: “Não há problema. É tarefa de uma semana”. Em outras conversas com familiares – diz ainda seu filho, Ricardo Ramos –, Graciliano sumariava o último capítulo, praticamente fazendo um resumo do diário: “Sensações da liberdade. A saída, uns restos de prisão a acompanhá-lo em ruas quase estranhas. (SANTIAGO, 1985, p. 16)

A atitude de resumir um trabalho por si só já dá a idéia de um projeto pronto. Desse modo, Silviano instiga o leitor a acreditar na “verdade” expressa em sua produção ficcional. Assim, para reafirmar *Em liberdade* como uma reescrita de “Graciliano Ramos”, nada melhor que o posicionamento do próprio “Silviano”. Em Mesa-redonda³, com a participação de José Carlos Garbuglio e outros, organizada pela Editora Ática, para discutir a obra e o homem Graciliano Ramos, “Silviano” afirma do prazer de reescrevê-lo:

Eu começaria por dizer, talvez, que de maneira um pouco paradoxal Graciliano Ramos, a meu ver, é o menos clássico dos autores do Modernismo brasileiro, prá mim. Quando digo que é menos clássico, estou usando uma dicotomia de Roland Barthes que a meu ver é muito importante. É a distinção que ele faz no livro *S-Z* entre textos que são legíveis e textos que são *escrivíveis*. Ele diz: “lisibles et scritibles”. E essa distinção é muito importante porque ela coloca a questão da atualidade do texto. Quer dizer, há

³ Participantes da Mesa-redonda: José Carlos Garbuglio, Antonio Candido, Silviano Santiago, Franklin de Oliveira, Rui Mourão, Alfredo Bosi, Mário Curvello e Valentim Facioli.

textos que... se esgotam simplesmente num prazer de leitura. E outros textos, como Roland Barthes diz, que a gente gostaria de avançar, que a gente gostaria de propor, como uma força própria, que a gente gostaria de escrever, de reescrever, como ele diz. Nesse sentido, a grande atualidade de Graciliano Ramos é que ele me incita a reescrevê-lo. Eu acho que na década de 80 a gente finalmente vai dar por fechado o ciclo do Modernismo. E vamos encerrá-lo fazendo a ele uma crítica um pouco mais impiedosa do que a crítica que foi feita até hoje. Impiedade, é claro, não significa, de maneira nenhuma, em meu vocabulário, má vontade. Mas significa uma determinada coragem apaixonada. Isso é que é, prá mim, muito importante hoje. Quer dizer, deixar manifestar uma paixão que é gosto, uma paixão que é simpatia, uma paixão que, fundamentalmente, é um esforço de atualizar dentro do nosso mundo de hoje as propostas mais interessantes, as propostas mais vivas, daquele pensamento. (GARBUGLIO, 1987, p. 422)

Nesse “papo informal” “Silviano” assume a paixão de reescrever “Graciliano”; entretanto, para o leitor restam somente as marcas enunciativas de um autor que tenta velar sua presença no texto. O autor/editor de *Em liberdade*, descuida do aspecto expressivo e oferece, em suas contradições, a oportunidade do leitor “ver” Silviano.

3. O crítico faminto de *contradições* encontrará no Diário vasto pasto para rumações. (SANTIAGO, 1985, p. 16) [grifo nosso]

Contradições da escritura de quem? De “Silviano”? De “Graciliano”? A espinha dorsal de toda essa ambigüidade discursiva reside no fato de que o memorialismo de Graciliano é também o de Silviano - uma narração que não se crê fielmente objetiva nem ao autor nem a realidade circundante, pois que essa, enquanto ficção, entrega-se de modo voluntário ao jogo recorrente da rememoração e da reescritura. O livro de “Silviano Santiago” procura ultrapassar a distinção entre *factus* e *fictus* de que trata Wilson Martins em seu artigo sobre *Em liberdade*, busca tangenciar “a nebulosidade das fronteiras entre o real e o imaginário”, como bem afirma Sérgio Prado Bellei (1982, p.4).

A ficção de Silviano Santiago instaura um universo onde as fronteiras entre fato e ficção são ultrapassadas pela totalidade de um discurso unificante. Nesse discurso, os “fatos concretos” da vida de Graciliano são inseparáveis da “ficção e interpretações” de Silviano Santiago. Nivelam-se as diferenças entre os gêneros do discurso e o passado, perdendo sua factualidade, transforma-se em um texto interpretado de forma incompleta que pede nova interpretação no presente.

Em liberdade sugere que a paternidade da narrativa pertencerá simultaneamente, do ponto de vista de sua expressividade e de sua tonalidade emocional, a dois contextos que se entrecruzam, a dois discursos: o do próprio autor e o do outro - Graciliano Ramos.

O livro abre-se com Graciliano saindo da prisão e fecha-se com Heloísa retornando ao Rio, com as duas filhas, para morar com o marido no novo endereço, no minúsculo quarto da pensão do Catete. O discurso de *Em liberdade* cria uma perspectiva de fim, fundada na tensão dramática entre o protagonista e sua nova realidade. O livro é dividido em duas partes, a primeira parte do romance é construída tendo como base duas questões: o intelectual e o poder, ou seja, o intelectual vivendo as agruras da repressão. A segunda, por sua vez, trata de narrar os resultados da pesquisa que Graciliano desenvolve em torno do que aconteceu ao inconfiante Cláudio Manoel da Costa.

No artigo “Graciliano livre na ficção de Santiago”, Antonio Gonçalves Filho afirma que na segunda parte do livro

Graciliano aparece como um escritor que pretende escrever a verdadeira história de Cláudio Manoel da Costa. Ou seja, mostrar que sua morte foi provocada por um complô dos detentores do poder no século 18, e não por suicídio, como os documentos históricos nos fazem crer”. Seria, de acordo com Santiago, um caso bem semelhante ao ocorrido com Vladimir Herzog; há alguns anos, nas dependências do Doi-Codi. Ou seja, o ponto de intersecção de três casos (Ramos, Cláudio e Herzog), mostrando a perseguição de intelectuais pelo arbítrio. (GONÇALVES FILHO, 1981, p. 27)

3 OS NÍVEIS DO DISCURSO: O VERDADEIRO E O FALSO

Escrever o diário de Graciliano oferece ao autor Silviano, a oportunidade única de se expressar nos mais diferentes tons, sobre os assuntos mais diversos, ainda que o interesse temático maior não se afaste nunca da vida do pseudo-narrador.

Vale lembrar que o livro de “Silviano Santiago” abre com uma epígrafe de Otto Maria Carpeaux: “Vou construir o meu Graciliano Ramos”. Impõe-se de início o destino do texto e a intenção do autor. O paradoxo entre o “um” e o “outro” pontilha o decurso de toda a obra, o leitor não tem condições de delimitar as implicações da enunciação, é inviável traçar uma linha divisória, nítida, entre autor e pseudo-narrador, pois dois discursos se entrecruzam, o de Silviano e o de Graciliano. O que ocorre é um jogo falso que se dá através de metamorfoses: Silviano que passa a ser Graciliano, que posteriormente passa a ser Cláudio Manoel da Costa.

Curioso é o posicionamento do narrador no que diz respeito à atitude de reescrever Cláudio Manoel da Costa, elaborado no decorrer do diário, como se pode ver nos trechos selecionados a seguir:

Tem de haver uma identificação minha com Cláudio, espécie de empatia, que me possibilite escrever a sua vida como se fosse a minha, escrever a minha vida como se fosse a sua. É um projeto perigoso, pois as pessoas dão grande valor aos limites do indivíduo. Vou perder-me nos meandros do cenário de Vila Rica, como me perdi no porão de Manaus, ou na cela imunda da Ilha Grande. As reações são diferentes, não há dúvida (conclusão óbvia: qualquer ser humano é diferente do outro); busco, no entanto, uma espécie de solda que funcione ao nível profundo da vivência humana e social. Esta solda liga fragmentos díspares com a alta temperatura da imaginação. (SANTIAGO, 1985, p. 209)

Não agüento mais a pressão da água. Tenho de voltar à superfície para respirar.

Quando mergulhar de novo, Cláudio já existira na folha de papel em branco, onde joguei as suas palavras. Escreverei com a sua

voz as suas palavras. Não serei mais eu. Narrarei os fatos com os seus olhos, a sua perspicácia e os seus cálculos. Enriquecerei as minhas lembranças com fatos e sensações que não existiram para mim. Verei amigos, inimigos e interrogadores com a sua sensibilidade. Com a sua inteligência analisarei e interpretarei os acontecimentos e tirarei as necessárias conclusões. Com a sua sensibilidade e inteligência, alegro-me ou entristeço-me, horrorizo-me ou envergonho-me, repudio ou acato, agarro ou mando para os infernos, enovelo-me ou libero-me.

Deixarei de existir por algum tempo. Serei o urso que hiberna. A jibóia que digere. A mãe que nutre. Um corpo em disponibilidade para si e para o outro.

[...] Cláudio será Graciliano. Graciliano redige, mas quem escreve é Cláudio. (SANTIAGO, 1985, p. 233)

Talvez a partir dessa perspectiva do narrador, possamos pensar qual seria a chave da técnica narrativa usada por “Santiago”: a possibilidade de desaparecer enquanto escritor e fundir ficção com realidade, dando lugar especial a imaginação. Sem pretensões de ser fiel à verdade, Santiago/Graciliano admite francamente que a imaginação é o elemento maior na construção da sua narrativa: ficção fundada em pesquisa histórica. Desse modo, a distância entre real e imaginário é anulada. A história confunde-se com a própria vida, a memória funde-se com a ficção – a ficção é invenção, a memória é a imitação do real. Os eventos, os atores, o espaço, o tempo e o narrador são fiéis correlatos de um mundo que se constrói a partir de um relato datado.

No diário, a presença do outro perfaz a superfície do texto, como mostram os trechos que destacamos a seguir:

O que não posso admitir é que você não tenha percebido que você é outro agora. (SANTIAGO, 1985, p. 51)

Passar adiante, esta é a função da palavra escrita. Deixar com que o outro compartilhe da nossa experiência, entre no nosso mundo, enquanto entramos no dele. (SANTIAGO, 1985, p. 52)

Tenho de aprender a conviver com o domínio imposto da minha sombra, como aprendi a conviver com o sentimentalismo na cadeia. (SANTIAGO, 1985, p. 63)

Assim como ando fugindo de todo e qualquer estigma que seja marca da adversidade, fujo também de uma imagem de mim mesmo que seja propiciada pela sombra da cadeia. (SANTIAGO, 1985, p. 65)

Devo conhecer os meus defeitos, para conservá-los todos com muito carinho. Se os meus defeitos se sumirem, deixarei de ser eu, mudar-me-ei noutro. (SANTIAGO, 1985, p. 77)

Sobre a questão do outro afirma “Silviano Santiago”:

o crítico literário trabalha basicamente com uma neurose, quer pensar e sentir através do outro. E, no meu projeto, o que eu quero é exatamente levar até o fundo essa neurose nossa. Dificilmente enquanto crítico literário – pelo menos no sentido estreito da palavra – a gente pode avançar alguma coisa que não seja através do outro. (GARBUBLIO, 1987, p. 424).

Na apreensão da ficção de Santiago, o leitor se vê diante de uma série de níveis do “falso”: o autor fingindo que é outro, o negativo do objeto do livro, o pseudo-narrador metamorfoseado – o falso do texto. Em síntese, cria-se uma atmosfera de espelhamento entre ficção e realidade. Os textos verdadeiros se fundem na escrita falsa do outro e confundem o leitor que não tem condições de definir a fronteira entre o fingimento e a história.

O falso em *Em liberdade* instaura um sentido profundo que é construído a partir do próprio ato da escritura, escritura essa que tenta buscar no passado, através da ficção, um valor histórico para o presente. Sobre a questão, declara Bellei:

O melhor direcionamento da caminhada humana no presente através de projeções fictícias do passado significa, sem dúvida, algo mais do que um simples exercício de estilo. Significa, principalmente, a possibilidade de auto-realização do escritor e do intelectual participante através da construção de ficções críveis. Significa também, um oferecimento ao leitor. O oferecimento de ficções alternativas para uma história de incertezas e contradições. E é justamente a existência dessas possibilidades aceitáveis além da história que podem tornar a vida no interior do espaço histórico

mais suportável. Quando esse espaço já não pode oferecer certezas, vítima que foi do ceticismo do século XX, é preciso preencher o vazio deixado. Para isso, Silviano Santiago inventa um Graciliano capaz de estudar a situação do homem pensante frente a regimes ditatoriais da mesma forma que o Graciliano ficcional se volta para um passado ainda mais remoto, e reinventa um Cláudio Manoel da Costa capaz de pensar um sistema de referência explicativo dos mecanismos políticos operantes na fase da Inconfidência, nos anos 30 e nos dias de hoje. Os mergulhos no passado de Graciliano ou Silviano, servem, dessa forma, para propiciar o aparecimento do sentido possível. E é essa revelação do sentido que dá ao homem enquanto “homo significans” o verdadeiro significado da vida em liberdade. (BELLEI, 1982, p. 4).

Tal como acontece em *Memórias do cárcere*, no romance de “Santiago” há a mistura de falso e verdadeiro, de realidade e ficção. Segundo Nelson Werneck Sodré (1987, p. 285), em “Memórias do cárcere o falso e o verdadeiro se confundem, em suas páginas: a falsa bravura e a verdadeira, a falsa generosidade e a verdadeira, a falsa rebeldia e a verdadeira”.

Em suma, verifica-se que a falsidade do livro é uma ilusão que o próprio leitor quer que continue. Porém, considerando a natureza do diário, *Em liberdade* é um texto inacabado; Silviano não concluiu o diário para não matar a personagem.

Vale assinalar que no diário íntimo se pressupõe um discurso sem fim, como está enfatizado na própria acepção da palavra “diário”, ou seja, a escrita é algo que se realiza diariamente, no lugar e no tempo em que decidir seu autor. José Ubireval Alencar Guimarães (1987, p.50) afirma:

por ser um tipo de escrita que é redigida logo após a vivência dos acontecimentos, o diário se caracteriza, contrariamente às confissões, pela falta do distanciamento temporal. Na sucessão dos fatos narrados, no dia a dia, alguns aspectos são retomados necessariamente, mas não gozam da maturidade e penetração que as confissões depuram.

No diário, Graciliano explora ao máximo a inventividade crítica do escritor, sugere que o criador é intermediário entre a história e a ficção, e, para propor tal posicionamento, carrega na ambigüidade implícita que se equilibra com a ruptura do que é considerado lógico e convencional.

4 O DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO

A escritura de *Em liberdade* remete o leitor para o estilo de “Graciliano Ramos” através de alguns artifícios que o caracterizam, dentre os quais: a relação entre o “eu” do escritor e a sociedade que o formou, a presença freqüente de um realismo crítico que se aproxima do estilo de Machado de Assis: títulos e expressões são construídos à moda machadiana, por exemplo, o título transitório “Antes do jantar” (SANTIAGO, 1985, p. 99), típico de Machado. A repetição e utilização desses recursos ocorrem de forma intertextual por sua declarada relação com o código de outro, o que cria de imediato um problema complexo de identificação. Sem pretender aprofundar a questão, aqui falamos da intertextualidade por distinguirmos a presença de outro texto a partir ora da alusão ora da reminiscência de unidades textuais que resgatam características machadianas, como é o caso do pessimismo, por exemplo, que, caso fossemos enumerá-los, a lista se estenderia por várias páginas. Observemos o recurso nos fragmentos que seguem:

Só o vagabundo é visceralmente pessimista. Propicia ao seu corpo, entregue aos vícios e à vida miserável e sórdida, acumular todas as mazelas que acabam por carcomer a sua carne, como o cupim pouco a pouco apodrece a madeira. Só o vagabundo é capaz de conviver tranqüilamente com o seu corpo apodrecendo. Alimenta a própria podridão, com os excessos do álcool barato, da comida servida de esmola, sempre nauseabunda. (SANTIAGO, 1985, p. 76)

Se não me engano esta página é totalmente inútil. (SANTIAGO, 1985, p. 100)

A um romancista pessimista que se deleita a entrever os vermes. A morte só interessa a quem dela se alimenta. (SANTIAGO, 1985, p. 146)

A narrativa expressa um pessimismo e um sentimento de rejeição que parece querer explicar o labirinto de coisas e os fatos vividos por Graciliano na prisão e após sua condição de indivíduo livre.

Convém assinalar que as variantes da expressão caracterizam a configuração subjetiva e sintomática do escritor alagoano, o que conserva a distância entre as palavras do autor “Silviano” e as do pseudo-narrador, Graciliano, nesta paródia estilística. Nesse sentido, é oportuna a afirmação de Bakhtin:

a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas este discurso a leva em conta e a ela se refere. Aqui a palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação mas age, influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta. Assim é a palavra na polêmica velada e, na maioria dos casos, na réplica dialógica. (BAKHTIN, 1981, p. 169)

O discurso autobiográfico é um recurso que o autor de *Em liberdade* utiliza para resgatar a vida, o mundo e o fazer poético de “Graciliano Ramos”, talvez uma provocação ao que suscita a obra memorialístico-literária de “Graciliano”, que exige novo repensar do investigador das memórias do escritor, possivelmente um alerta para que se evite cair no biografismo e no psicologismo em que alguns já incorreram.

A ficção autobiográfica ou memorialista era moda no fim dos anos 70 e início da década de 80, dentre os exemplos podemos destacar: *Diário intemporal* de Mário da Silva Brito; *Memórias de um escritor* de Nelson Werneck Sodré; *Companheiros de viagem* de Alceu Amoroso Lima; *Bão de ossos* de Pedro Nava e muitos outros. Em “Graciliano Ramos”, o memorialismo tem duplo aspecto: a autobiografia e a elaboração literária, duas peculiaridades muito bem construídas por Silviano Santiago na reescritura do autor de *Memórias do cárcere*. Em *Memórias do cárcere*, porém, há muito ainda a se explorar no que diz respeito à descoberta do outro e das vozes

que perfazem a superfície do texto. *Em liberdade*, como que para chamar a atenção para esta lacuna deixada pelos críticos, focaliza, metaforicamente, a idéia de que na obra de “Graciliano Ramos” é possível explorar a desmaterialização do “eu” e o espaço polifônico que o circunda. A ficção de Santiago, tal como se verifica em *Memórias do cárcere*, explora esse universo de desdobramento do eu, como bem afirma Ivete Lara Camargos Walty, é “o espaço em que se encontram diferentes vozes, fruto da multiplicidade de “eus” que se inserem na figura de Graciliano”. (WALTY, 1984, p. 10)

Através da autobiografia, Silviano mostra, metaforicamente, que a enunciação é contemporânea de acontecimentos passados; máscaras são assumidas pelos fragmentos da narrativa diária. Vale assinalar, de acordo com Guimarães (1987, p.38) que:

a natureza do discurso autobiográfico está na relação de identidade entre narrador e personagem. Sua especificidade está em ser uma narração de primeira pessoa, englobando a tríplice função: narrador = personagem = autor.

O fragmentarismo do diário, por sua vez, comporta tons de concisão informativa e envolvimento emocional do narrador que exigem do leitor a apreensão do seu simbolismo, a decodificação do sem sentido. Um bom exemplo desse simbolismo é a experiência vivida da gota de suor que cai sobre a página de papel escrita, no fragmento intitulado “Antes do jantar”. O texto nos dá a idéia de metamorfose – o escritor é transformado em ser de papel e tinta. O discurso do escritor é transitório, tanto quanto a própria gota que desaparece entre o intervalo do passar à limpo, que muda da qualidade de manuscrito para o datiloscrito e, por fim, do datiloscrito para o livro. A idéia de transitoriedade surge no texto a começar pelo título “Antes do jantar”, além de ser enfatizado pelo uso da palavra *transitoriedade*, no quarto parágrafo. A tessitura da metáfora da gota cria a imagem da escrita que é devorada e digerida pela máquina editorial, a seleção dos fatos sugerem a participação do leitor no processo de escritura, sujeito que a cada leitura, “como

o datilógrafo, passa a limpo o discurso da gota”, tal como assinala Bellei. (1982, p. 4)

O escritor enfatiza os “eus” e os “outros” que constituem o ato de escrever, o outro que é composto da atuação do datilógrafo, do gráfico e da editora. O que está em foco é a transitoriedade da palavra, o inacabado, o incompleto que permite a reescritura no presente como forma de preencher lacunas deixadas no discurso do passado.

É por meio do registro emotivo que o narrador elabora em seu diário íntimo os fatos vividos e os representa como ficção. A brevidade da ação estabelece um tipo de leitura “supostamente moderna” provocando a necessidade de refletir. Nesse sentido, o leitor atua como co-autor, seguindo as instruções e respondendo as indagações do texto, tal como pede o narrador:

Assim como o escritor se interessa pelo alargamento das suas fronteiras lingüísticas, também o leitor tem de trabalhar nesse sentido se quiser acompanhar o romancista, lendo a sua obra. Dessa forma terá acesso a um pensamento diferente do seu. Terá um melhor conhecimento do outro, do intrincado funcionamento da sua cabeça e da maneira como fabrica soluções e problemas. (SANTIAGO, 1985, p. 116)

Essa é a modalidade de leitura interativa – um artifício pós-moderno, pois que o leitor tem que participar da obra. A indefinição do gênero exige do leitor um papel questionador das convenções. Por isso, é importante lembrar que Graciliano Ramos é um escritor que instaura uma atitude de leitura que busca mais do que o mero prazer da decodificação.

De acordo com “Santiago”, “Graciliano Ramos requer já, como todo bom modernista, a presença do leitor para a compreensão da obra, estabelecendo nexos de causalidade”. (GARBUGLIO, 1987, p. 428)

A maneira como a realidade é representada em *Em liberdade*, indica que as “memórias” de Graciliano Ramos podem ser lidas

como um grande romance. A tessitura do livro cria a imagem de um mundo ficcional: o romance entendido como fruto da imaginação criadora do autor, o que difere da autobiografia: narrativa em que está implícito um contrato de identidade que o autor pactua com o leitor. Na perspectiva de Guimarães, “esse pacto autobiográfico tem importância na afirmação dessa relação de identidade afirmada, e se mostra exteriormente pela impressão do nome do autor na capa do livro”. (GUIMARÃES, 1987, p. 41)

Se considerarmos, entretanto, que o diário de Graciliano estampa em sua capa o nome de Silviano Santiago, podemos dizer que estamos diante de um paradoxo pós-moderno – “Quem é o autor?” É claro que em se tratando de *Em liberdade*, estamos diante de uma brincadeira do autor com seu leitor: a invenção do diário de Graciliano é uma ilusão e, no texto, o que predomina é esse jogo lúdico com a realidade.

5 O TEXTO E O CORPO

O diário de Graciliano que compõe a escritura de *Em liberdade* é construído como uma indagação do que seja a identidade do sujeito. No espaço da narrativa, que busca o resgate do real e do vivido, o narrador desnuda a questão do sujeito enquanto mediador da palavra escrita na cena do processo de criação textual. O que ocorre é uma descrição alegórica da situação do escritor moderno a partir da metáfora do corpo: um desafio ao escritor incorporar o outro ao seu “eu”. Uma atitude que obriga o fim da materialidade corporal, pois na escritura o que mais importa são as palavras: o que o narrador descreve com precisão no primeiro fragmento do diário datado de 14 de janeiro:

Não sinto o meu corpo. Não quero senti-lo por enquanto. Só permito a mim existir, hoje, enquanto consistência de palavras. [...] Não sinto que o meu corpo existe. (SANTIAGO, 1985, p. 27)
Escrevo para não deixar que o meu corpo doente e massacrado exista, prossiga, influa, direcione, convença-me finalmente da sua importância e da sua riqueza para mim. (SANTIAGO, 1985, p. 28)

Nesse discurso metafórico, verifica-se que o que ocorre entre o corpo e a escritura de Graciliano é uma viagem entre a memória e o desejo, uma memória que é também corporal: “Quero e estou conseguindo apagar a memória do corpo”. (SANTIAGO, 1985, p. 31)

Em liberdade insere o ato de escrever como um desejo ligado as formas íntimas do corpo e às suas reações, apresenta um escritor compulsivo através do impulso incontrollável de escrever, o que é simbolizado no *papel pega mosca* que fisga o escritor – “Quantas noites fiquei preso no papel”. (SANTIAGO, 1985, p. 75) - e na atuação do vagabundo, sujeito rejeitado pela sociedade e vítima do contar estórias.

Aproximando-se do vagabundo, conversando com ele, descobre-se que tem uma qualidade rara na nossa sociedade que se urbaniza: mercê de uma facilidade verbal incomum, é sempre capaz de narrar histórias com facilidade e jeito, com ares de quem mantém contato diuturno com o ofício da ficção. É capaz de passar horas alimentando com a sua imaginação o tempo, tornando-o estofado e prazeroso, de tal forma que o correr das horas passa despercebido do ouvinte. É a maneira que encontra para “prender” o grupo e minimizar as agruras da solidão noturna. (SANTIAGO, 1985, p. 75)

Por uma série de recursos, *Em liberdade* apresenta elementos de uma escritura moderna: a solidão de que trata o narrador faz parte da situação desse escritor; a temática erótica, por outro lado, funciona como uma imagem puramente atual: por exemplo, a cena que manifesta a perplexidade de Graciliano diante de sua ereção ao ver uma moça que se bronzeia na praia de Botafogo.

O membro enrijecido – a sensação era extraordinária, tenho de confessar – inchava e subia. Ao subir levava literalmente consigo o meu corpo, dando-me a nítida experiência de estar em ascensão. Flutuava no espaço. [...]

Se fosse dado a magias, ou a crenças em mistérios do diabo, diria que estava possuído. (SANTIAGO, 1985, p. 94)

O corpo na ficção de Silviano Santiago é matéria e sujeito falante, além de apresentar-se frágil e doente – é a metáfora da reconstituição do eu, do outro e do mundo. *Em liberdade* coloca em evidência a noção de que a escritura se enuncia em carne viva, sem subterfúgios. O escritor é aquele que é olhado e inspecionado no instante em que se escreve e se inscreve – é o próprio corpo refletido na escrita, pois de acordo com o narrador, “Todo corpo fala quando o homem diz palavras” (SANTIAGO, 1985, p. 47). Em suma, pode-se dizer que o papel do leitor, a leitura e a escrita, manifestações puramente corporais, revelam-se como pontos cruciais na elaboração da ficção.

De acordo com Walty (1984, p.10) em *Em liberdade*,

o corpo castigado, cede lugar ao corpo de palavras que quer ser o caminho para o reencontro do corpo sadio, prenhe de vida. Os corpos mortos ressuscitam através do verbo e dialogam através dos tempos, rompendo o monólogo da história, numa tentativa de focalizar, por diferentes ângulos, os fatos históricos. O texto da estória relê o texto da história.

Nesse sentido, Silviano constrói sua história através de Graciliano, intercalando e entrecruzando vários “eus” para compor a ação da personagem. O tema da incorporação ocupa lugar privilegiado no livro de Silviano Santiago, ao mesmo tempo em que permite a duplicação textual e a diferenciação entre textos e contextos, o que ocorre com êxito no momento em que Silviano cede seu corpo a Graciliano que cede seu corpo a Cláudio Manoel da Costa.

Referências

ABREU, C. F. Transe perfeito. *Veja*, São Paulo, 23 set. 1981.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec : Editora da UNESP, 1988.

- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981
- BELLEI, S. P. Em liberdade de Gracil(y)iano: o triunfo da ficção. *Suplemento literário*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 20 fev., p. 4, 1982.
- CALINESCU, M. *Rereading*. New Haven, CT: Yale UP, 1993.
- CAMPOS, H. Tradução: fantasia e fingimento. *Folhetim*. São Paulo, p.6-7, 18 set. 1983.
- CANDIDO, A. *Ficção e confissão*: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- CONTI, M. S. Arte dobrável. *Veja*. São Paulo, 11 set. 1985. p. 135, 1985.
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. Tradução Maria Beatriz M. N. Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DIMAS, A. Revendo Graciliano: com imaginação e arte. *Jornal da tarde*. São Paulo, 14. nov. p. 5. 1981.
- ENTREVISTA DE SILVIANO SANTIAGO. Contando o que Graciliano não contou de Graciliano". *Jornal da tarde*. São Paulo, 6 out, 1981.
- GARBUGLIO, J. C. *et al. Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.
- GONÇALVES FILHO, A. Graciliano livre na ficção de Santiago. *Folha de São Paulo*, 22 set. p. 88, 1985.
- GUIMARÃES, J. U. Alencar. *Graciliano Ramos e a fala das memórias*. Maceió, EDICULTE/SECULTE, 1987.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Tradução R. Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- _____. *Uma teoria da paródia*: ensinamentos das formas de arte no séc. XX. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1985.
- JENNY, L. *et. al. Intertextualidades*. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979. (Poétique; 27)
- MARTINS, W. Exercícios de estilo. *Jornal do Brasil*. Caderno B, 19 dez., p. 11. 1981.

- MIRANDA, W. M. *Corpos escritos*. Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. 4v.
- SANTIAGO, S. *Em liberdade*: uma ficção de Silviano Santiago. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.
- SODRÉ, N. W. As Memórias do cárcere. In: GARBUGLIO, José Carlos *et al. Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 280-291.
- WALTY, I. L. C. Vozes em contraponto: uma leitura de em liberdade, de Silviano Santiago. *Suplemento literário*. Minas Gerais. Belo Horizonte, 30 jun., 1984. Número especial.